

centralizado, mas como uma prática libertária que impregna a vida, como constituição ética sofisticada. Luce esforçou-se em dizer que o anarquismo não comporta catecismo. Implica pequenas construções coletivas e individuais que ampliem a liberdade; e se em algum momento arriscou definições é porque entende o anarquismo como um saber histórico que necessita atualizar-se sem apagar suas marcas. Sua concepção dispensa uma certeza metafísica de um final perfeito, absoluto: interessam-lhe os meios, o presente cheio de invenções para construção de uma vida baseada na liberdade, solidariedade e justiça social, temas que lhe são caros.

Luce e Margareth Rago se encontraram pela primeira vez por ocasião do Congresso “Outros 500. Pensamento Libertário Internacional”, realizado em 1992 na PUC/SP. Margareth procurava figuras marcantes do anarquismo, quando estudava as “mulheres anarquistas”. Tornaram-se amigas. No livro encontramos algumas anarquistas marcantes, delicadas inquietas com a coragem de afirmar anarquismos.

ousar ser uns | *thiago rodrigues*

Doris Accioly e Silva & Sonia Alem Marrach (orgs.). *Maurício Tragtenberg, uma vida para as Ciências Humanas*. São Paulo, Editora da Unesp/Fapesp, 2001, 328 pp.

Maurício, um homem de palavra. Da gramática acadêmica antropofágica, do verbo combativo popular, das idéias flamejantes em duelos viscerais, do compromisso consigo. Em sala de aula, nas páginas de jornal, na porta de fábricas, em teses, em livros, em

casa: coerência heterodoxa. Este Maurício salta, plural em si, desta coletânea de textos nascida de uma jornada de palestras, homônima ao livro, e realizada na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília, em 1999. Falecido, então, há pouco, Maurício emerge das falas, forte, íntegro, vivo. Os textos trafegam entre depoimentos pessoais, muitas vezes emocionados e quase herméticos àquele que não partilhou das experiências relatadas, e reflexões sobre a produção acadêmica de Tragtenberg, sua trajetória intelectual, sua influência na academia e sua postura nos embates políticos. Das três partes em que se estrutura o livro, respectivamente, *Memórias de um convívio*, *Contribuição às ciências humanas* e *Coerência entre teoria e prática*, o mosaico de contribuições dos autores compõe um Maurício Tragtenberg firme e combativo, corajoso não por ambicionar o *status* de mártir, mas por deliberada escolha existencial.

Somos apresentados ao autodidata, ausente da escola desde muito jovem e sem afinidade alguma pela prática comercial tão valorizada em sua família. Longe da escola, mas imerso numa sede insaciável de saber, Maurício não *se forma*, ao contrário, *se constrói* aproximando-se, com ouvidos interessadíssimos, de pessoas interessantes. Em “Maurício Tragtenberg e a família Abramo: algumas lembranças” e “Maurício Tragtenberg na mocidade” temos acesso, pelos relatos de Lélia Abramo e Antônio Cândido, a fragmentos desse Maurício jovem e sedento, devorador de livros na Mário de Andrade, participante ativo de discussões políticas. Discussões que vibravam no campo da crítica social, da militância socialista, do aprendizado dos clássicos. Nutrindo-se do convívio com o velho socialista Hermínio Sacchetta, Maurício leu, discutiu e filtrou o saber produzido por ‘marxistas malditos’ como Rosa Luxemburg em tempos de stalinismo. Conheceu, também, os pensadores libertários: Proudhon, Bakunin, Kropotkin. Incômodo em ambientes sectários e exclusivistas, Tragtenberg era avesso a verdades, ao incontestável.

A aversão ao esquerdismo autoritário, conduziu Maurício a produzir-se, como afirma Edson Passetti em seu artigo, um “socialista heterodoxo”. “Intelectual herético”, ressalta Ricardo Antunes, autêntico e, por essa razão, insuportável aos muitos sacerdotes das certezas. Ao conjugar Marx, Bakunin e Weber, Tragtenberg produziu uma ferina reflexão acerca da burocracia no capitalismo contemporâneo, sem jamais descuidar da crítica contumaz à “universidade tecnocrática” formadora de “assessores de tiranos”, “recursos humanos’ para a burocracia das empresas privadas e do Poder Público”¹. A rigidez no pensar era inconcebível para alguém que aprendeu em liberdade, investindo em seus talentos para se tornar, como nos diz Paulo Resende em seu texto, um “intelectual sem cátedra”.

Intelectual iconoclasta, Maurício foi, também, militante singular. Sempre desconfiado das convicções intransigentes, Tragtenberg atrevia-se a não se identificar com um partido, um sindicato, uma corrente de pensamento. No livro, relatos de José Carlos Morel e Antônio Ozaí da Silva, entre outros, nos apresentam um Maurício Tragtenberg em permanente atividade política extra-acadêmica. Ainda que presente em momentos importantes do novo sindicalismo do final da década de 1970, Maurício não exibia suas armas preferencialmente em palanques. Convicto de que um trabalhador só seria livre se não delegasse a ninguém a tarefa de lutar por si, Maurício Tragtenberg investiu com determinação na defesa da autogestão, da organização sem representantes, da autonomia na reivindicação por interesses locais. Socialista libertário, Maurício não acreditava na elaboração vanguardista dos anseios proletários. Assim, através da sua coluna “No Batente”, publicada duas vezes por semana no *Notícias Populares* dos anos oitenta, o pensador-militante não se arvorou a falar pelos trabalhadores, mas noutro sentido, fez daquele espaço uma via para que assalariados pudessem falar e se ouvir. Postura anarquista contrária à cessão de voz e

inimiga das vanguardas clarividentes. A coluna, segundo Maurício, “dirige-se a quem está ‘no batente’ e não àqueles que estão afastados da produção querendo falar em nome dos que trabalham” (apud Silva:123). Em linguagem direta, um golpe certo em intelectuais oportunistas e sindicalistas pelegos.

Em discussão que nos evoca o diálogo Deleuze-Foucault acerca do papel do intelectual, Maurício crê na validade de um ‘saber operário’ completamente apto a entender e criticar sua realidade, fato que faz do intelectual *instrumento* para a luta dos trabalhadores, não cabendo a interpretação e o refino dos supostos murmúrios pueris emitidos pelas massas. A visão libertária acerca do indissociável duplo *teoria/prática* se fez impressa em reflexões como *A delinquência acadêmica* e *Saber e poder* (ambos de 1979) e na sua atividade militante-jornalística. Maurício via a pequenez das disputas por prebendas e títulos, postos e honorarias porque dispunha de olhos que aprenderam a enxergar ‘de fora’ e ‘para fora’ da academia, mesmo fazendo parte dela. Ou melhor, mesmo *estando nela*.

Podemos, certamente, desconfiar de um livro que homenageia quem não dispunha o peito a comendas. Contudo, os textos se mostram, em sua grande maioria, como relatos sobre uma grande vida. Vida que, sem dúvida, seduz e instiga o leitor que pouco conhece a obra de Maurício Tragtenberg. De fato, as poucas páginas reproduzidas de seu livro *Memórias de um autodidata no Brasil*, deixam vontade por mais. Maurício, o que não falava pelos outros, ainda é mais saboroso quando fala, ele mesmo, de si. A coletânea de artigos, no entanto, não pode ser considerada laudatória: é homenagem, sim, mas sem devoção. Os textos apresentam portas para que outros sedentos adentrem o mundo deste interessadíssimo interessado que foi Maurício Tragtenberg.

Nota

¹ Tragtenberg em *Burocracia e Ideologia*, apud Gandini: 170, 172.